

ENTREVISTA

CURUMIZ – OS HOMENAGEADOS DA CAPA



Curumiz nas ruas de Parintins – 2018

(Acervo: Instagram - @curumiz)

Curumiz, uma entidade artística formada pela soma das individualidades de uma dupla de artistas visuais nascidos e criados em Parintins, AM - Alziney Pereira e Kemerson Freitas, que trazem consigo as raízes profundas da Amazônia. Formados em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas, esses dois artistas traduzem em suas obras a rica tapeçaria cultural da ilha dos povos tupinambaranas, onde a festa do boi-bumbá ressoa como um hino à conexão entre o homem e a natureza.

Desde a infância, imersos na diversidade das vozes ribeirinhas e na força da cultura indígena, Curumiz absorveu as lendas e mitos que habitam suas memórias.

As toadas que falam de cosmogonia e seres místicos se tornaram suas fontes de inspiração, desenhando, com emoção, a relação entre o sagrado e o cotidiano. O cotidiano desses artistas é um universo onde homens se transformam em animais e espíritos da floresta dançam sob o luar, contando histórias de ancestralidade.

Ao se encontrarem na universidade, Alziney e Kemerson se lançaram na pesquisa das cosmologias indígenas, explorando o perspectivismo ameríndio que revela a riqueza dos seres espirituais e suas conexões com a natureza. Através do grafite, da arte digital e das instalações, eles criam obras que não apenas encantam, mas também despertam a consciência sobre a importância da ancestralidade e a força vital da floresta amazônica.

Curumiz é um convite para mergulhar em um mundo onde a arte é a voz da terra, onde cada traço carrega a história de um povo e a reverência à Mãe Natureza.

Acompanhe a seguir uma entrevista exclusiva realizada com um dos integrantes do duo, o artista visual Kemerson Freitas, para a Extensão em Revista: A conversa foi conduzida pela assessora cultural da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, Ana Karoline Cordeiro.



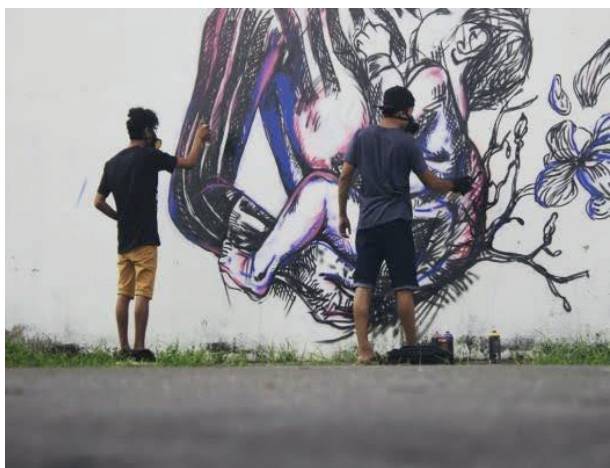
Por favor, se apresente para nossos leitores e fale brevemente sobre sua formação e atuação.

Meu nome é Kemerson Freitas, sou artista de Parintins e tenho 28 anos. Me formei em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas. Embora tenha iniciado um mestrado na UEA, decidi interromper, mas estou considerando voltar por meio de outro programa de pós-graduação da UEA.

Como artista visual, atuo como grafiteiro e ilustrador, além de me envolver na produção cultural. Desenvolvemos projetos culturais, incluindo iniciativas para leis de fomento na área de arte urbana e festivais de artes urbanas.

Como foi a formação da dupla? E como foi a entrada do duo no contexto artístico da região?

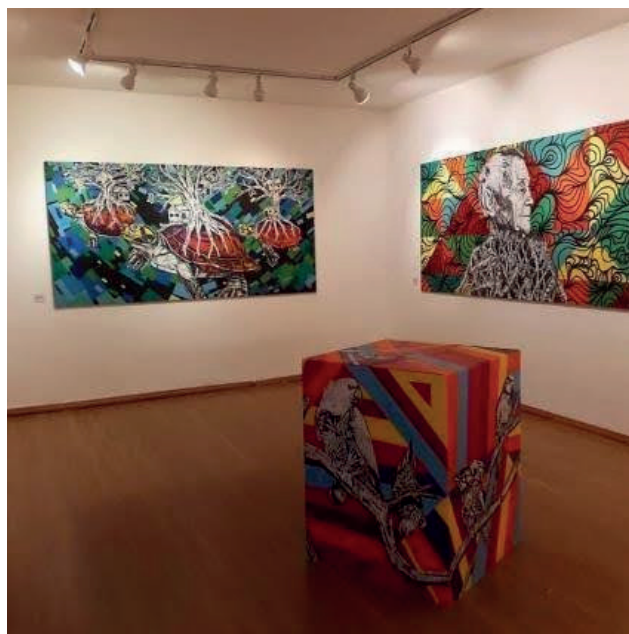
Eu e o Alziney nos conhecemos na UFAM, no curso de Artes Visuais, em 2014. Em 2017, tivemos aulas com professores de fora que traziam uma abordagem mais contemporânea da arte. Eles nos instigaram a pensar em como trabalhar a Amazônia de maneira contemporânea. Assim, começamos a pesquisar e encontramos no grafite uma forma que nos inspirou e que se alinhou ao nosso trabalho.



Curumiz nas ruas de Parintins – 2018
(Acervo: Instagram - @curumiz)

A partir daí, identificamos diversas possibilidades para explorar, como a arte amazônica e a arte de Parintins. Em 2017, começamos nossa produção artística em dupla, experimentando linguagens da arte urbana (street art), como o lambe e o estêncil. Com o tempo, passamos a nos dedicar ao grafite, mas enfrentamos o desafio de conseguir os materiais, pois em Parintins não havia sprays adequados. Precisávamos viajar a Manaus para comprá-los.

Embora Parintins não tivesse uma cultura consolidada de grafite, havia uma cena de hip hop e rap. Na época, havia apenas um grafiteiro na cidade, que se mudou para Santarém. Então, seguimos nosso percurso no grafite artístico, influenciados por nomes como Kobra e Os Gêmeos. Em 2018, participamos de uma exposição no Salão Curupira, no Centro Cultural Palácio Rio Negro, com duas obras entre vários artistas. O curador da Galeria do Largo se interessou pelo nosso trabalho e decidiu organizar uma exposição em Manaus.



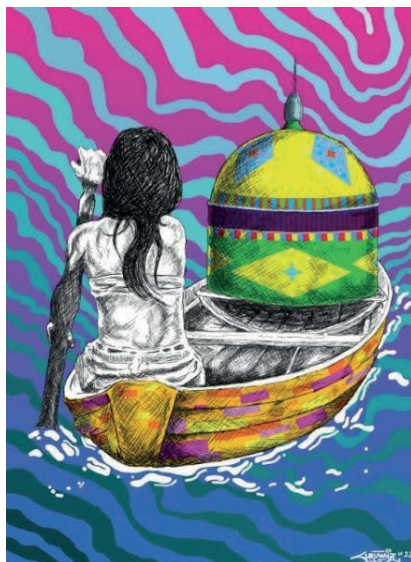
Exposição “Conterrâneo” na Galeria do Largo – 2019 (Acervo: Instagram - @curumiz)

Ficamos surpresos pois, com pouca idade, conseguimos nossa primeira exposição. O curador reconheceu o potencial do nosso trabalho que se distanciava da arte idealizada da Amazônia e suas influências francesas. Assim, em 2019, a Galeria do Largo realizou nossa exposição, e começamos a nos inserir no cenário artístico amazonense, sendo convidados para exposições e festivais de arte urbana em Manaus e em outros lugares. Com isso, nosso nome e nossa marca passaram a fazer parte da arte da região.

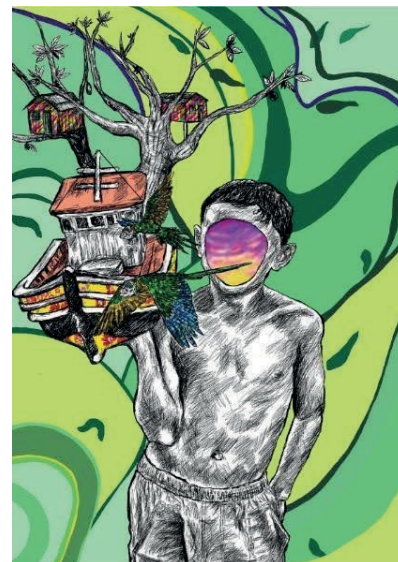
Vocês consideram que seu trabalho recebeu alguma influência de outros artistas?



“Ser Kumá das Águas”
Série: Antropomorfia Amazônica
100x140 cm - Ano:2021
Técnica: Spray e acrílica sobre tela.



“Pequeno proeiro de beiradão”
Série: Antropologias ribeirinhas
1771 x 2363 pixels - Ano:2023
Técnica: Arte digital



Sem nome
Série: Cúpulas 1771x2363 pixels -
Ano:2021
Técnica: Arte digital

Nos aprofundamos na ideia de referências antropomórficas, percebendo que, na Amazônia, tanto entre os povos indígenas quanto entre os ribeirinhos, há narrativas sobre "geramentos", que são histórias de pessoas que se transformam em animais. Esse conceito ressoava muito em nossas vidas e também era explorado na literatura. Assim, começamos a ler mais sobre esses autores e a identificar influências de artistas indígenas, que abordam temas semelhantes. Isso nos levou a um vasto leque de referências, envolvendo artistas visuais de grafite, pintura e literatura.

Como ocorre o processo criativo do duo?

Nosso trabalho, antigamente, era mais rústico. Costumávamos nos reunir para desenhar a lápis, onde eu oferecia uma opinião e ele complementava, ou vice-versa. Como se costuma dizer, "duas cabeças pensam melhor que uma". Acreditamos que essa união de ideias resulta em um bom trabalho. Embora colaborássemos, queríamos que a obra refletisse um estilo único, como se fosse criada por um só artista. Assim, conseguimos desenvolver uma assinatura reconhecível, utilizando hachuras e cores que unificassem nosso estilo, mesmo sendo dois artistas distintos.

O Curumiz, na verdade, é uma entidade que representa a soma das nossas individualidades, e sempre valorizamos essa assinatura singular.

Nosso trabalho, antigamente, era mais rústico. Costumávamos nos reunir para desenhar a lápis, onde eu oferecia uma opinião e ele complementava, ou vice-versa. Como se costuma dizer, "duas cabeças pensam melhor que uma". Acreditamos que essa união de ideias resulta em um bom trabalho. Embora colaborássemos, queríamos que a obra refletisse um estilo único, como se fosse criada por um só artista. Assim, conseguimos desenvolver uma assinatura reconhecível, utilizando hachuras e cores que unificassem nosso estilo, mesmo sendo dois artistas distintos.

O Curumiz, na verdade, é uma entidade que representa a soma das nossas individualidades, e sempre valorizamos essa assinatura singular.



Mural "Vitória da Cultura Popular" para o 56º Festival Folclórico de Parintins – 2023
(Acervo: Instagram - @curumiz)

Atualmente, nosso processo se tornou mais digital, em parte devido às demandas do mercado e à necessidade de evolução. Usamos programas como Photoshop e Ciate, entre outros softwares disponíveis para artistas. Quando recebemos uma encomenda, como o mural do 56º Festival Folclórico de Parintins, encomendado pelo Governo do Amazonas, começamos criando um esboço digital. Apresentamos esse esboço ao contratante, junto com uma projeção do local onde a obra será executada. No caso do mural do bumbódromo, exploramos diversas ideias que evocassem as emoções de ser Caprichoso ou Garantido.

Vocês têm alguma aproximação com a Universidade do Estado do Amazonas? Já realizaram alguma ação com participação ou mediação da UEA? Se não, vocês gostariam de futuramente participar de ações de cultura e extensão com a Universidade?

Em Manaus, a convite da Escola Normal Superior, realizamos uma obra nos laboratórios contêineres da UEA, tendo a biodiversidade amazônica como tema. O resultado ficou muito bonito. Aqui em Parintins, também colaboramos com professores da UEA, especialmente nas áreas de História e Artes, que apreciam nosso trabalho de grafite. Recentemente, fizemos o mural da Samsung Ocara – Polo de Empreendedorismo Digital da Amazônia, na UEA de Parintins.



Mural na Ocara Samsung no CESP/UEA –
2023 (Foto: Eder Repolho)

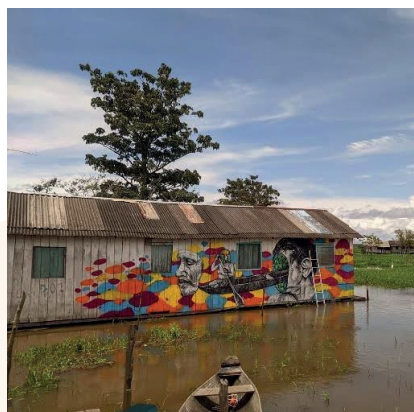


Laboratórios contêineres na ENS/UEA
– 2021 (Acervo: @curumiz)

Essa parceria com a Universidade e os professores é valiosa, pois promove trocas de experiências. Além disso, temos um grande apreço por trabalhar com a juventude. Acreditamos que, por meio da nossa experiência e da arte, é possível que os jovens se desenvolvam social e economicamente. Nossa abordagem mostra que a arte pode impactar positivamente a vida deles.

Quando levamos nosso trabalho para as regiões ribeirinhas, não estamos apenas pintando por pintar - há um forte componente social envolvido. No projeto “Arte Ribeira”, por exemplo, muitas pessoas ribeirinhas nunca haviam saído de suas comunidades ou visitado uma galeria de arte. Assim, nossa arte, por meio do grafite, desempenha um papel social significativo, promovendo acesso ao conhecimento e à cultura. A UEA pode ser uma parceira fundamental nesse processo.

Comente a experiência do projeto “Arte Ribeira”, contemplado no Programa Cultura Criativa – 2020, pela Lei Aldir Blanc.



Esse projeto foi uma experiência incrível para nós como artistas. Transformamos casas em verdadeiras obras de arte, e isso permitiu que pessoas que nunca saíram de suas comunidades, ou que visitaram Parintins mas nunca entraram em uma galeria ou no Liceu de Artes, tivessem a oportunidade de apreciar a arte de uma forma nova.

Realizamos esse trabalho em três comunidades ribeirinhas distintas. A primeira foi a Comunidade Valéria, localizada em terra firme. A segunda, Bom Socorro do Zé Açu, também em terra firme, mas que enfrenta desafios com enchentes e vazantes. Por fim, estivemos na Vila Amazônia, uma comunidade de palafitas completamente ilhada pela água, onde a locomoção se dá apenas por pontes ou canoas.

Foi uma experiência muito enriquecedora para nós, especialmente por sermos filhos de ribeirinhos. Nossos avós, pais e familiares vieram dessa realidade, e isso nos conecta à nossa ancestralidade e ao sentimento de pertencimento ao nosso lugar de origem. Essa troca de experiências foi verdadeiramente significativa.

Por fim, como vocês definem o trabalho do “Curumiz”? E o que esperam para o futuro?

Com toda humildade, considero o trabalho do Curumiz uma forma de arte inovadora. Atualmente, vejo muitas pessoas explorando diferentes maneiras de se expressar, incluindo o uso do grafite. Fico muito contente em ver o pessoal de Parintins utilizando essa técnica em suas criações. Acredito que é fundamental inovar na arte, explorando cores e a diversidade de temas, em vez de nos limitarmos a uma visão romântica da Amazônia.

Como artista, sinto a necessidade de abordar as questões climáticas em meu trabalho. É importante que os artistas se dediquem a esses temas e evitem o comodismo artístico.

No futuro, temos a intenção de levar essas narrativas para fora do país, promovendo a arte do interior e de Parintins nas galerias internacionais, se possível. Continuaremos a explorar esses questionamentos artísticos que são tão significativos.